



## O consumo de khat na Europa: implicações para a política europeia

As folhas de khat são cultivadas nas montanhas do Corno de África, no sul da Arábia e ao longo da costa da África Oriental. Em algumas zonas da Etiópia, do Quênia, da Somália e do Iémen, há séculos que as folhas de khat são mascadas devido às suas propriedades moderadamente estimulantes e para muitos esse consumo é uma componente normal da vida em sociedade. Tradicionalmente, o khat era sobretudo consumido pelos homens, em «festas do khat» comunitárias altamente ritualizadas. Ao fim de aproximadamente uma hora, o consumidor sente excitação fisiológica e euforia. Segue-se uma fase mais calma e introvertida, que dá lugar a uma «descida», que pode incluir agitação, irritabilidade e melancolia. Tradicionalmente, os padrões de

consumo culturalmente integrado verificavam-se na proximidade das regiões de produção, inspirando a expressão artística na arquitectura, no artesanato, na poesia e em canções. Desde o final do século XIX, as sucessivas melhorias na infra-estrutura de transportes abriram novos mercados para o khat. Mais recentemente, a migração em massa de pessoas do Corno de África tem estado associada à propagação do consumo de khat para os países vizinhos, a Europa e o resto do mundo. Os padrões de consumo contemporâneos tendem a ser menos formais e podem tornar-se mais excessivos. É possível que este facto se deva à erosão dos factores culturais protectores que antes ajudavam a regular o consumo. Desconhece-se o número exacto de consumidores regulares de khat a

nível mundial, mas as estimativas apontam para mais de 20 milhões.

**Entre as comunidades migrantes oriundas da África Subsariana, o consumo de khat é frequente e habitualmente desconsiderado. Devemos assegurar que as pessoas que trabalham com essas comunidades estejam cientes da necessidade de identificar e responder às consequências negativas que possam resultar do consumo dessa substância.**

**Dr. João Goulão,  
presidente do Conselho de  
Administração do OEDT**

### Definição

**Entende-se por «khat» as folhas e rebentos jovens e tenros da planta do khat (*Catha edulis*). O khat tem muitas designações, nomeadamente «qat» (Iémen), «jad» ou «chad» (Etiópia, Somália), «miraa» (Quênia) ou «marungi» (Uganda, Ruanda). As folhas e caules tenros são mascados e conservados numa bola no interior da bochecha.**

### Resumo das questões-chave

1. O khat contém substâncias estimulantes com propriedades semelhantes às das anfetaminas. As suas formas puras são controladas a nível internacional, mas não as folhas.
2. Na Europa, o khat é controlado em alguns países, mas não em todos, o que levou à existência de redes de transporte legais e criminosas. Embora os dados relativos ao comércio, ao consumo e às apreensões a nível internacional sejam limitados, sugerem que o mercado do khat está a crescer na União Europeia.
3. O khat é sobretudo consumido pelos imigrantes de primeira geração da África Subsariana, havendo poucos indícios de propagação do consumo a outras comunidades. As informações sobre a prevalência, os padrões de consumo e as suas consequências são limitadas.
4. O khat é um tema controverso entre os grupos de migrantes. Uns defendem que contribui para a coesão cultural, enquanto outros o contestam por razões religiosas e sociais. Actualmente, faltam dados de investigação sobre as consequências socioeconómicas do consumo de khat.
5. Ao longo das últimas três décadas, o khat tornou-se uma importante fonte de emprego, rendimento e receitas nos países produtores da região do Corno de África.

## 1. Farmacologia do khat

Entre os agentes psicoactivos presentes nas folhas de khat incluem-se a catinona (aminopropiofenona), a catina (norpseudoefedrina) e a norefedrina, mas a gama completa de compostos ainda está em grande medida por estudar. A catinona assemelha-se às anfetaminas, tanto na estrutura química como nos efeitos bioquímicos e comportamentais, embora tenha apenas cerca de metade da sua potência. Habitualmente, são mascados 100 a 300 g de folhas de khat durante três a seis horas. O teor de catinona pode variar entre 30 e 200 mg por 100 gramas de folhas frescas, sendo até 90% desta substância extraída por mastigação. Isto corresponde a uma dose baixa ou média de anfetaminas, mas o modo laborioso de ingestão restringe a dose cumulativa e os níveis máximos no plasma. Como a catinona é muito instável e se decompõe num prazo de 72 horas após a colheita, as folhas de khat são preferidas enquanto frescas. A catinona e a catina, bem como alguns dos seus derivados produzidos sinteticamente (por exemplo, a metcatinona) são substâncias controladas ao abrigo da Convenção das Nações Unidas sobre as Substâncias Psicotrópicas (1971), mas as folhas de khat não. Houve várias tentativas para incluir o khat nas listas internacionais, mas uma recente análise global efectuada pelo Comité de Peritos em Toxicod dependência da Organização Mundial de Saúde concluiu que não existiam dados suficientes.

## 2. Situação jurídica e tráfico de khat na Europa

Os dados disponíveis mais recentes mostram que o khat foi sujeito a controlo como droga ilegal em 15 Estados-Membros da UE e na Noruega (ver mapa). Pelo contrário, os Países Baixos e o Reino Unido optaram pela liberalização, permitindo que o khat seja importado, comercializado e consumido como produto vegetal. Recentemente, o Conselho Consultivo sobre o Abuso de Drogas do Reino Unido e alguns peritos dos Países Baixos recomendaram que se mantivesse o *status quo* jurídico. Nos restantes dez Estados-Membros, o khat não é controlado.

Não há informações fiáveis sobre as importações de khat para a UE, nem sobre a sua circulação no território da União. Os dois

principais pontos de entrada são Londres, com 300 toneladas anuais de khat proveniente, sobretudo, do Quênia e da Etiópia, e Amsterdão. Em alguns países, as apreensões de khat quase duplicaram nos últimos cinco anos. Por exemplo, a Alemanha e a Suécia apreenderam 30 e 11 toneladas de khat, respectivamente, em 2008, enquanto a Noruega apreendeu oito toneladas em 2007. As quantidades apreendidas nas ligações rodoviárias entre os Países Baixos e a Escandinávia têm vindo a crescer. Também tem sido apreendido khat em voos para a América do Norte, o que indica que a União Europeia funciona como ponto de passagem para outros destinos.

## 3. O consumo de khat na Europa

Na União Europeia, o consumo de khat está circunscrito aos imigrantes dos países da região do Corno de África. Por vezes, a planta pode ser obtida através do crescente comércio de «herbal highs» (drogas não controladas à base de plantas) baseado na Internet, mas o nível de consumo fora das comunidades migrantes é extremamente limitado. Realizaram-se estudos sobre o consumo de khat na Dinamarca, Alemanha, Espanha, Itália, Suécia, Reino Unido e Noruega, mas o consumo entre as comunidades somali e iemenita do Reino Unido é o descrito com mais pormenor. Os estudos europeus não oferecem uma base sólida para estimar as taxas de prevalência, mas podem fornecer indicações sobre os padrões de consumo. Em regra, os estudos referem níveis relativamente elevados de consumo actual (34-67%) com uma percentagem de até 10% de consumidores diários, muitos dos quais preenchem alguns dos critérios de dependência. As lacunas de conhecimentos neste domínio ainda são consideráveis, sabendo-se pouco sobre as consequências do consumo a nível social ou da saúde. Há indícios de «turismo de khat», em que somalis da Escandinávia e visitantes do Médio Oriente vão consumir khat em Londres, por exemplo.

Os dados de investigação também sugerem que está a surgir uma divisão geracional nos padrões de consumo. A maioria das pessoas que mascam khat regularmente adquiriu esse hábito antes de vir para a Europa. Entre os imigrantes de segunda geração o consumo de khat é menos frequente. Este é um factor

importante quando se considera o potencial de difusão futura, que provavelmente será influenciado pelo número de homens imigrantes de primeira geração, vindos de países onde se consome khat, existentes na população.



© Mara Truog

## Folhas de khat

Nos Países Baixos e no Reino Unido, onde o khat é legalmente vendido, o consumo tem habitualmente lugar em cafés «mafrish», que funcionam como centros sociais, oferecendo bebidas, televisão, comida e khat. Os cafés «mafrish» oferecem a oportunidade de trocar informações, acompanhar as notícias dos países de origem e outras actividades comunitárias. Os centros comunitários e apartamentos particulares também podem ser utilizados para sessões de khat. Este pode ser comprado em lojas de frutas e legumes, lojas de conveniência e até em quiosques de jornais. Na Suécia, pelo contrário, a venda de khat assemelha-se ao tráfico de outras drogas, decorrendo à margem de espaços públicos como os parques de estacionamento. No Inverno, são alugadas casas particulares para sessões em que o khat é mascado, enquanto no Verão são utilizados parques públicos para esse fim. A especificidade cultural do consumo de khat tem implicações para a actividade policial e, em alguns países em que a aplicação da lei é mais rígida, verificou-se um aumento da tensão entre as comunidades migrantes e a polícia.

## 4. Consequências do consumo de khat para a saúde

Têm sido associados vários problemas somáticos e de saúde mental ao consumo de khat, mas a investigação sobre esta substância ainda é muito incipiente e há poucas

informações sólidas sobre o assunto. De um modo geral, o consumo moderado de khat não é considerado prejudicial, sendo os efeitos adversos graves, como os estados psicóticos induzidos pela substância, normalmente associados ao consumo excessivo. O potencial de dependência da droga ainda é pouco conhecido e, embora essa dependência pareça ser, em regra, relativamente ligeira em comparação com outras substâncias psicoactivas, há consumidores que evidenciam padrões de consumo compulsivos semelhantes aos observados nos dependentes de estimulantes. Cada vez surgem mais indícios de que o khat pode agravar problemas de saúde mental pré-existentes, bem como desencadear psicoses e comportamentos agressivos, sobretudo em pessoas com pré-disposição para tal. O consumo crónico de khat tem sido associado a problemas de saúde graves, mas muitas vezes é difícil determinar o impacto relativo da droga propriamente dita face a outros factores de risco que também podem estar associados ao consumo, como o tabagismo, a má alimentação ou os resíduos de pesticidas. Entre as consequências somáticas negativas associadas ao consumo de khat figuram as seguintes: problemas nas

mucosas, hipertensão, complicações cardiovasculares, úlceras no duodeno, disfunção sexual, toxicidade hepática e redução do peso dos recém-nascidos filhos de mães que mascam khat. Globalmente, porém, os dados existentes não permitem extrair conclusões definitivas sobre a causalidade, e os argumentos favoráveis a possíveis utilizações medicinais também não foram analisados em pormenor. O que não há dúvida é que os profissionais de saúde que tratam membros das comunidades migrantes estão, muitas vezes, mal informados sobre os problemas de saúde que podem estar associados ao consumo desta droga.

## 5. O debate sobre o khat na Europa

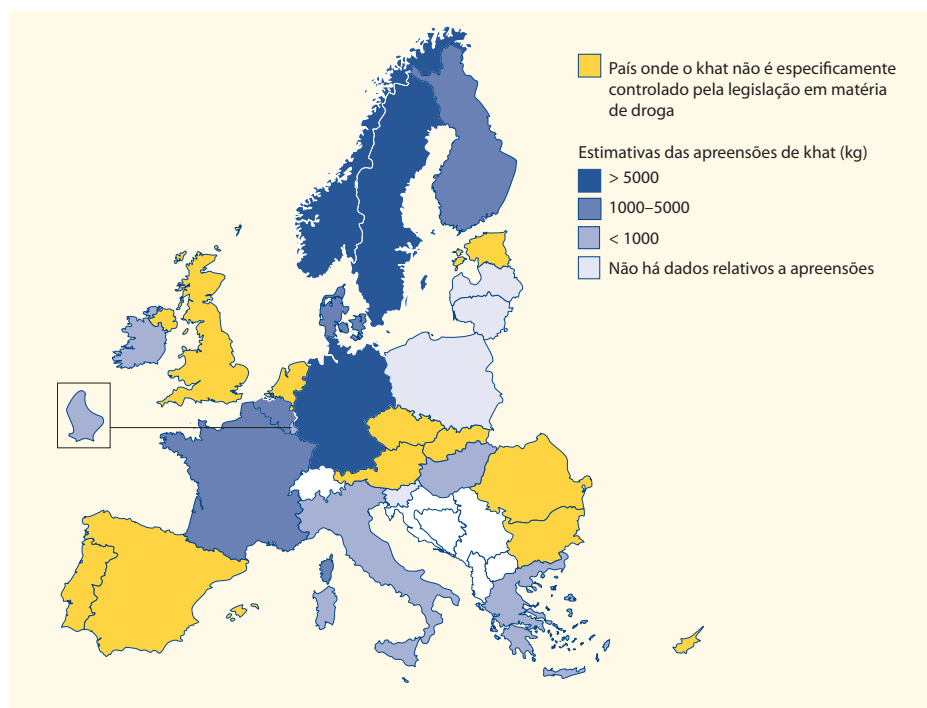
Desde a época colonial que os europeus consideram que o consumo de khat tem efeitos negativos na saúde e na produtividade. Uma outra inquietação, causada pelo aparecimento da droga nos países europeus, foi a de que o seu consumo se difundisse dos grupos migrantes para a população em geral. Nas comunidades migrantes da Europa, o khat tornou-se uma questão controversa, sendo encarado por

muitos como uma componente do seu património cultural e contestado por outros por razões religiosas. Embora os eruditos do Islão tenham tolerado o consumo de khat durante séculos, o progresso do fundamentalismo islâmico gerou um clima de intolerância em relação a este hábito em algumas escolas de pensamento. Algumas ONG também têm protestado, pois atribuem vários problemas sociais ao consumo habitual de khat entre os homens. Esta questão é difícil de quantificar. De uma perspectiva científica e com os dados actualmente disponíveis, não é possível saber ao certo até que ponto a desagregação familiar, os elevados níveis de desemprego, o insucesso escolar e o isolamento são produto do consumo de khat em si mesmo, ou se resultam de uma vulnerabilidade estrutural das comunidades migrantes desfavorecidas e vulneráveis.

## 6. Prosperidade e desenvolvimento económicos na região do khat

Nos últimos anos, os mercados interno e de exportação ao dispor dos produtores de khat da Etiópia, Quénia e Iémen tiveram uma enorme expansão. Estima-se que, em 2003/2004, as exportações de khat tenham constituído cerca de 15% das receitas de exportação da Etiópia – aproximadamente 413 milhões de dólares dos EUA entre 1990 e 2004 – colocando-o em segundo lugar entre os produtos de exportação. Nos países da região do khat, a produção, o transporte, a transformação e a venda deste produto empregam muita gente. Actualmente, o cultivo de khat está a expandir-se para zonas onde não era tradicionalmente cultivado, na Etiópia, Quénia, África do Sul, Sudão e Uganda. Ao contrário do café, do algodão e do cacau, os preços do khat têm variado pouco, proporcionando aos agricultores meios de subsistência seguros. Devido à sua resistência à seca e ao facto de exigir pouca mão-de-obra, o khat constitui uma opção atractiva para os camponeses. Nos países produtores, a intensificação da produção comercial de khat tem tido consequências ambientais graves e suscitado preocupações em termos de segurança alimentar. Recentemente, foram propostos vários programas de redução da procura de khat, mas até agora não foram amplamente implementados.

## Estatuto jurídico do khat nos Estados-Membros da UE e na Noruega e números de apreensões, quando disponíveis



Nota: A Hungria não controla o khat, mas possui dados relativos a apreensões resultantes do controlo das catinonas.  
Fonte: Griffiths et al., 2010, *Journal of Ethnopharmacology* (actualizado com os últimos dados disponíveis).

**Drugs em destaque** é uma série de notas sobre políticas publicadas pelo Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT), de Lisboa. São publicadas regularmente nas 23 línguas oficiais da União Europeia e em norueguês e turco. Versão original: inglês. Reprodução autorizada mediante citação da fonte.

Para obtenção gratuita de exemplares, contacte-nos por correio electrónico: [publications@emcdda.europa.eu](mailto:publications@emcdda.europa.eu)

Cais do Sodré, 1249-289 Lisboa, Portugal  
Tel. +351 211210200 • Fax +351 218131711  
[info@emcdda.europa.eu](mailto:info@emcdda.europa.eu) • [www.emcdda.europa.eu](http://www.emcdda.europa.eu)

## Conclusões e considerações de carácter político

1. O volume, a instabilidade das substâncias activas e o modo de administração característicos do khat tornam-no incompatível com as exigências dos consumidores comuns de droga na Europa. O seu potencial de propagação ao mercado de droga em geral afigura-se, assim, limitado.
2. Os mercados europeus de khat parecem estar a crescer, mas as fontes de dados são insuficientes, o que aponta para a necessidade de melhorar a monitorização. A existência de melhores dados contribuiria para um debate mais esclarecido sobre a forma de resolver questões como o tráfico transfronteiriço, sem criminalizar um grupo social já de si vulnerável. Além disso, ajudar-nos-ia a compreender melhor que resposta deve ser dada ao consumo de droga nas comunidades migrantes.
3. Na Europa, o khat é primordialmente consumido por comunidades migrantes. Há que informar melhor estas comunidades sobre as potenciais consequências desse consumo em termos de saúde, sociais e legais.
4. O consumo de khat pode causar problemas de saúde e sociais. É necessário que os profissionais de saúde e os assistentes sociais europeus consigam identificar os danos relacionados com o khat e disponham de estratégias para proteger os grupos de consumidores de droga vulneráveis.
5. A importância económica do khat nos países produtores aumentou, em parte devido ao crescente comércio para a UE. As políticas de desenvolvimento e de controlo da droga relativas a esses países exigem coordenação e sensibilização para o impacto potencial das medidas de controlo europeias.
6. O número de consumidores de khat na Europa parece estar a aumentar, mas a escala e a natureza do problema são pouco conhecidas. São, por conseguinte, necessários estudos de investigação para avaliar melhor o mercado desta droga, a evolução dos padrões de consumo e a dimensão das eventuais consequências socioeconómicas e para a saúde.

## Principais fontes

Anderson, D., Beckerleg, S., Hailu, D., Klein, A. (2007), *The Khat Controversy: Stimulating the Debate on Drugs*, Berg, Oxford.

Feyissa, A.M., Kelly, J.P. (2008), «A review of the neuropharmacological properties of khat», *Progress in Neuro-Pharmacology and Biological Psychiatry* 32, pp. 1147-1166.

Griffiths, P., Lopez, D., Sedefov, R., et al. (2010), «Khat use and monitoring drug use in Europe: The current situation and issues for the future», *Journal of Ethnopharmacology*, Volume 132, Issue 3, pp. 578-583.

Klein, A. (2008), «Khat in the Neighbourhood – Local Government Responses to Khat Use in a London Community», *Substance Use and Misuse*, Volume 43, pp. 819-831.

Pennings, E. J. M., Opperhuizen, A., van Amsterdam, J. G. C. (2008), «Risk assessment of khat use in the Netherlands. A review based on adverse health effects, prevalence, criminal involvement and public order», *Regulatory Toxicology and Pharmacology* 52, pp. 199-207.

Warfa, N., Klein, A., Bhui, K., Leavey, G., Craig, T., Stansfeld, S. (2007), «Khat use and mental illness: a critical review», *Social Science and Medicine* 65, pp. 309-318.

## Informação na Internet

The British Home Office (2005), *Advisory Council for the Misuse of Drugs*  
<http://www.homeoffice.gov.uk/publications/drugs/acmd1/khat-report-2005/>

European Science Foundation (2009), *conference webpage*  
<http://www.esf.org/activities/esf-conferences/details/2009/confdetail274.html?conf=274&year=2009>

UNDP, IPC-IG (2007), «Should Khat be banned? The Developmental Impact».  
<http://www.ipc-undp.org/pub/IPCOnePager40.pdf>

Banco Mundial (2007), «Towards Qat Demand Reduction»  
[http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2007/06/26/000090341\\_20070626112355/Rendered/PDF/397380YE.pdf](http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2007/06/26/000090341_20070626112355/Rendered/PDF/397380YE.pdf)

OMS (2006), *Comité de Peritos em Toxicodependência*  
[http://www.who.int/medicines/areas/quality\\_safety/4.4KhatCritReview.pdf](http://www.who.int/medicines/areas/quality_safety/4.4KhatCritReview.pdf)



Serviço das Publicações

EDITOR OFICIAL: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias  
© Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2011  
DIRECTOR: Wolfgang Götz  
AUTORES: Michael Odenwald, Axel Klein, Nasir Warfa  
REDACTORA: Marie-Christine Ashby  
CONCEPÇÃO GRÁFICA: Dutton Merryfield Ltd, Reino Unido  
Printed in Luxembourg